

## Rumo aos Estudos Feministas Transnacionais da Tradução

*Olga Castro*

[olga.castro@warwick.ac.uk](mailto:olga.castro@warwick.ac.uk)

<https://orcid.org/0000-0002-2825-9618>

School of Modern Languages and Cultures, University of Warwick, Grã-Bretanha

*Emek Ergun*

[emekergun@gmail.com](mailto:emekergun@gmail.com)

Women's and Gender Studies & Global Studies, UNC at Charlotte, EUA

*Luise von Flotow*

[lvonflotow@gmail.com](mailto:lvonflotow@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-5729-1369>

School of Translation and Interpretation, University of Ottawa, Canadá

*María Laura Spoturno*

[lauraspoturno@gmail.com](mailto:lauraspoturno@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-9678-5767>

Universidad Nacional de La Plata / Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas, Argentina

*Tradução: Beatriz Regina Guimarães Barboza*

[beatriz.r.guimaraes@gmail.com](mailto:beatriz.r.guimaraes@gmail.com)

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Esta edição especial deriva de um esforço coletivo e crítico para dar destaque ao feminismo transnacional como uma perspectiva teórica produtiva para os estudos feministas da tradução, que ajuda na construção de vias para o desenvolvimento de novas direções no campo.<sup>1</sup> O componente transnacional nos desafia a explorar e nos envolver com o papel político que

---

1 Pesquisa financiada pelo Projeto “Corpos em Trânsito 2: Diferença e Indiferença”. Ref.: FFI-2017-84555-C2-2-P, MINECO-FEDER, Governo da Espanha. Também conta com o apoio da Agência Nacional de Promoção Científica e Tecnológica [PICT 2017-2942], do Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas e da Universidade Nacional de La Plata [H/825 (2017-2020)], Argentina. Agradecemos enormemente a Beatriz Regina Guimarães Barboza pela tradução deste texto ao português brasileiro..

a tradução pode ter para possibilitar (ou impossibilitar) encontros feministas transnacionais, diálogos, resistências e solidariedades, ao mesmo tempo que também desafia o modelo colonial do “feminismo (ocidental) como imperialismo” (Mohanty, 1988). Nosso entendimento da tradução aqui deve ser amplo o suficiente para dar conta de todos os tipos de práticas translinguísticas/culturais/midiáticas, incluindo o campo dos estudos da interpretação, tradução intersemiótica, a tradução de línguas de sinais, tradução automática, assim como a viagem de teorias e tradições. Somente através de práticas de tradução informadas política e eticamente, como a tradução feminista, é que se poderá transcender as várias fronteiras e limites do globo para *transnacionalizar* nossas visões políticas e práticas de solidariedade, justiça e libertação (Khader, 2019), porque essas mesmas fronteiras e limites frequentemente são feitas e/ou operadas para separar as pessoas (e colocá-las contra) umas das/às outras.

Originalmente desenvolvido na América do Norte pelas chamadas feministas racializadas (Grewal & Kaplan, 1994; Alexander & Mohanty, 1997), o feminismo transnacional foi definido como “uma solidariedade política desejável e possível entre feministas através do globo que transcenda classe, raça, sexualidade e fronteiras nacionais” (Mendoza, 2002, p. 296). Isso torna a tradução central ao debate sobre políticas feministas globais. Como Olga Castro e Emek Ergun afirmaram, “O futuro dos feminismos é transnacional e este processo se faz através da tradução” (2017, p. 1). De fato, assumir uma perspectiva transnacional implica “utilidade atenta, solicitude, comunicação compartilhada e colaborativa através e apesar das fronteiras e línguas para promover interesses mútuos” (Flotow, 2017, p. 175). Neste contexto, não se deve entender *transnacional* como simplesmente “além das fronteiras nacionais”, como frequentemente costu-

ma ser o caso nos estudos da tradução, mas como uma perspectiva conceitual que busca remover as limitações e restrições políticas e intelectuais impostas pelos feminismos internacionais e globais (Grewal & Kaplan, 2001). Uma ênfase crescente na interseccionalidade<sup>2</sup> e na reconfiguração das relações de poder entre os vetores “Oeste/Leste” e “Norte/Sul”<sup>3</sup> na viagem de saberes feministas em/atraves (da) tradução revitaliza as agendas tanto dos feminismos quanto dos estudos da tradução.

Esta edição especial toma como base e busca expandir uma tradição de longa data de iniciativas feministas bastante variadas que foram desenvolvidas nos contextos latino nos Estados Unidos, latino-americano e ibérico, que podem ser contemplados muito bem pela palavra “interseccionalidade” cunhada em inglês por Kimberlé Crenshaw em 1989. Antes do trabalho dela, feminismos racializados, operários, pós-coloniais, coloniais, indígenas, lésbicos e *queer* nos EUA identificaram a opressão dupla ou tripla sofrida por mulheres definidas como não brancas, não heterossexuais e que não pertencem às classes médias ou altas (Anzaldúa & Moraga, 1981). Na América Latina, a conceitualização da interseccionalidade já estava presente em textos dos séculos XIX e XX (Viveros Vigoya, 2016; Femenías, 2019) tanto quanto nos feminismos dissidentes que questionam “o racismo, a heterossexualidade compulsória, o classismo e o neoliberalis-

2 Crenshaw (1989) propôs o termo *interseccionalidade* como uma noção jurídica para explicar as exclusões sistêmicas e as dimensões múltiplas das opressões que afetavam um grupo de mulheres afro-americanas trabalhando para a empresa multinacional General Motors. Subsequentemente, o termo foi conceitualizado como um paradigma central nos estudos feministas nos Estados Unidos.  
3 Para uma breve discussão desses termos, conferir Castro & Spoturno nesta edição especial.

mo”<sup>4</sup> (Curiel, Falquet & Masson, 2005, p. 6), e nos feminismos indígenas e afrodescendentes (Lopes Louro, 2004; Barrancos, 2006; Curiel, 2007; Ramos Rosado, 2013; Pahde, 2018). Pesquisas atuais no Brasil mostram como as feministas brasileiras contribuem faz tempo com o paradigma interseccional (Goes, 2019) e sublinham tanto a necessidade de “enegrecer” o feminismo de forma a revisar estruturas sociais a partir de um ponto de vista decolonial e interseccional (Bambirra & Kleba Lisboa, 2019; Melo, 2019), quanto uma defesa de perspectivas situadas como aquelas oferecidas pelos feminismos comunitários, negros e pós-coloniais que são desenvolvidos em áreas rurais (Fernandes, 2019; Pinheiro, Silva & Rodríguez, 2019). Da mesma forma, a intersecção entre gênero e nação ocupou o pensamento e práxis feminista em algumas das nações sem Estado de uma “Espanha pós-colonial” (Bermúdez et al., 2002; Miguélez-Carballeira 2017). A luta pela emancipação de gênero foi acompanhada por uma luta pela autodeterminação nacional, cultural, linguística e econômica desses territórios (Bermúdez & Johnson, 2018). Essa luta mais plural, no entanto, nem sempre foi apoiada pelas visões dominantes dos feminismos espanhóis, que frequentemente ditam um chamado por unidade, priorizando a causa comum de gênero em detrimento das diferenças culturais e linguísticas (Reimóndez, 2014). O foco em tradução feminista desta edição especial faz parte de um movimento transnacional para reconhecer e mobilizar a importância dessas (e outras) contribuições, para articular uma visão mais ampla e abrangente da abordagem transnacional quando aplicada aos feminismos e (estudos de) tradução.

4 Versão em português brasileiro da tradutora, a partir da versão original em espanhol.

Por várias razões, vemos como produtivo nosso trabalho no diálogo transdisciplinar mais que necessário entre os feminismos transnacionais e os estudos (feministas) da tradução nesta edição especial da *Mutatis Mutandis. Revista Latinoamericana de Traducción*. Primeiro, nossa decisão de trabalhar com um periódico acadêmico, gratuito, de acesso aberto e multilíngue sediado na Colômbia teve como objetivo contribuir com a produção e circulação de saberes do/no chamado Sul. Além disso, trabalhar com esse periódico nos permitiu compilar uma coleção valiosa de artigos escritos em espanhol e português, e não somente em inglês, o que também contribui com uma ruptura na dominação anglófona da produção de conhecimento e de tendências de disseminação, particularmente no campo (dos estudos) da tradução feminista. Os artigos reunidos nesta edição incluem diversas línguas, textos, contextos e perspectivas epistêmicas, examinando uma variedade de casos sociolinguísticos, geopolíticos e textuais, assim como economias culturais de tradução e recepção. Essa colaboração sem dúvida serviu para expandir nossa própria compreensão crítica das políticas de intercâmbios através das fronteiras e fluxos de discursos feministas em e através da tradução.

Segundo, nosso comprometimento com a edição especial de um periódico latino-americano sobre tradução nos exigiu pesquisar mais sobre os campos de estudos (feministas) da tradução e feminismos transnacionais produzidos em espaços latino-americanos, ibéricos e de latinas nos Estados Unidos, inscritos em culturas acadêmicas diferentes daquelas determinadas pelo inglês. De fato, há uma tradição forte de abordagens feministas latinas e latino-americanas que se relacionam diretamente com as premissas dos feminismos transnacionais não hegemônicos e contra-hegemônicos na América do Norte. A publicação recente de uma seção temática especial sobre “Feminismos Transnacionais:

saberes e estéticas pós/descoloniais” na renomada revista brasileira *Revista Estudos Feministas* (Schmidt & Macedo, 2019) atesta um interesse crescente na América Latina no potencial que as alianças transnacionais têm de estabelecer “um debate equitativo entre os diferentes feminismos norte-sul, seus diálogos e fricções, sem reproduzir a violência colonial. Um diálogo que compartilhe heranças de lutas sociais, uma tradução geopolítica entendida como uma prática que não caia na repetição da colonialidade” (Bozzano, 2019, p. 2). Os estudos feministas transnacionais da tradução precisam se alimentar de pesquisas e projetos de tradução que se originem em diferentes espaços de saber e construção social.

Terceiro, esta edição especial é, em si, um encontro transnacional entre mulheres que vêm de diferentes tradições acadêmicas e com distintas bagagens linguístico-culturais e geopolíticas. Um diálogo frutífero entre as autoras dos trabalhos, também localizadas em contextos institucionais e geopolíticos variados, serviu para ampliar nossas visões necessariamente limitadas sobre os estudos feministas de tradução e assim abranger novas visões, conceitos e epistemologias. Francamente, esperamos que, ao juntar as peças de nossos saberes parciais e reunir nossa crença no poder político da tradução feminista, tenhamos compensado os pontos cegos e aumentado o escopo epistemológico e o potencial transnacionalmente dialógico da edição. Como Patricia Hill Collins afirma, “não há um modo de conhecer nosso mundo sem cruzar fronteiras linguísticas, culturais e epistemológicas, de assumir riscos tanto em conversas quanto dentro de nossa produção intelectual” (2019, p. 31).<sup>5</sup> Esse é um risco que

nós acreditamos que vale a pena correr para aumentar os diálogos feministas transnacionais. Portanto, essa edição especial é uma tentativa de somar-se às conversas existentes sobre feminismos transnacionais e estender um convite às pessoas no meio acadêmico, no ativismo, nas artes, na educação e na tradução ao redor do globo para assumirem mais riscos em prol de expandir as fronteiras dessas conversas em e sobre tradução. Esperamos que um resultado seja a ampliação da recepção destes trabalhos em diferentes línguas, levando, desta forma, essas ideias e práticas acadêmicas às pesquisas mais locais, e, ao mesmo tempo, estimular mais pesquisas sobre as várias questões levantadas por um foco em (estudos da) tradução feminista transnacional. Definidas como “política e teoricamente indispensáveis para formar uma justiça feminista pró-social, assim como alianças políticas e epistemologias anti-racistas, pós-coloniais e anti-imperiais” (Alvarez et al., 2014, p. 558), a ética e práticas de tradução feminista transnacional promovem a emergência de intersubjetividades múltiplas e diversas na tradução, questionando e desnaturalizando categorias e práticas da modernidade colonial, como gênero e padrões de gênero (Lugones, 2010; Costa, 2016; Ergun, 2018). Tal agenda revigora este campo e nós já estamos presenciando seu crescimento acadêmico, com publicações que examinam os vários aspectos e efeitos dos feminismos na tradução e os feminismos transnacionais em construção (Davis, 2007; Thayer, 2010; Alvarez et al., 2014; Castro & Ergun, 2017; Costa 2006, 2014; Dongchao, 2017; Flotow & Farahzad, 2017; Collins, 2017; Nagar et al., 2017; Sánchez, 2018; Flotow, 2017).

\*\*\*

5 Tradução de Cibele de Guadalupe Sousa Araújo, Denys Silva-Reis e Luciana de Mesquita Silva, em Patricia Hill Collins. “Sobre tradução e ativismo intelectual”. *Ártemis*, 27(1), 25-32.

Esta edição especial abre com um artigo das editoras convidadas, **Olga Castro e María Laura Spoturno**, no qual elas discutem abordagens

novas e atualizadas para os estudos da tradução na era do feminismo transnacional. Depois de traçar os desenvolvimentos mais recentes tanto na teoria feminista transnacional quanto nos estudos feministas da tradução, a contribuição delas fomenta diálogos mais estreitos entre ambas disciplinas, ao mesmo tempo que desafia suas fronteiras geográficas e glotopolíticas. Castro e Spoturno oferecem sua própria visão de uma perspectiva metodológica para abordar os estudos feministas transnacionais da tradução, enfatizando o papel (ético) que a tradução tem de possibilitar (ou impossibilitar) alianças através das fronteiras e de desestabilizar (ou perpetuar) diferentes regimes de opressão operando em nossas sociedades neoliberais. Seu artigo termina com alguns exemplos práticos de como essa política de tradução feminista transnacional pode ser implementada.

O artigo de **Şebnem Susam-Saraeva** oferece fortes exemplos de como abordagens feministas para a compreensão, leitura e análise de traduções podem funcionar diferentemente através de fronteiras culturais e linguísticas bastante distantes. A autora analisa o papel informativo/libertador que “histórias de parto” — os relatos escritos pelas próprias mulheres sobre a experiência de parir — assumem em um meio em que práticas de parteiras e do ‘parto natural’ são apoiadas (nos anos 70 e 80, no Tennessee, EUA) e como essas histórias, traduzidas ao turco quarenta anos depois, sofrem se elas não recebem enquadramento, introdução e explicação para que funcionem com uma intenção e efeito similares. Desta forma, pesquisas e análises de tradução feminista revelam as lacunas nas práticas de tradução, incentivando práticas melhores e fomentando mais pesquisa e desenvolvimento.

O estudo das práticas de interpretação a partir de uma perspectiva feminista transnacional é o foco do artigo de **Cristina Marey-Castro** e **Maribel Del Pozo-Triviño**. As autoras fazem um

chamado urgente por uma abordagem feminista às práticas de interpretação envolvendo mulheres migrantes em contextos de violência de gênero e/ou prostituição no Estado espanhol. Marey-Castro e Del Pozo-Triviño destacam os aspectos sociais e éticos do trabalho de intérpretes, que, de acordo com a visão delas, devem constantemente sujeitar sua prática a um exame minucioso, de forma a romper com mitos e preconceitos predominantes que podem condicionar seu trabalho e aumentar a vulnerabilidade das mulheres migrantes ao invés de reduzi-la.

A contribuição de **Lola Sánchez** oferece novas percepções críticas sobre como o conhecido manifesto feminista sobre a saúde reprodutiva e sexualidade das mulheres, *Our Bodies, Our Selves* (OBOS), viajou através das fronteiras via tradução, neste caso focalizando em como foi recebido na Espanha no começo dos anos 80, nos primeiros anos de democracia depois de quatro décadas da ditadura franquista. Para entender como a tradução espanhola contribuiu com um movimento criativo de conhecimento subalterno, que desafiava o discurso médico especializado e inspirava a emergência de uma categoria política de *mulheres* constituída discursivamente por elas próprias, Sánchez oferece uma análise detalhada do feminismo na cultura alvo, usando recursos daquela época que expõem a natureza fragmentária, descontínua e parcial da tradução.

O **Coletivo Sycorax**, grupo de tradutoras brasileiras que se juntou em 2015 com o propósito de traduzir e circular textos feministas e anticapitalistas em português brasileiro, discute em sua contribuição o processo de tradução coletiva feminista transnacional de *Caliban and the Witch: Women, the Body and Primitive Accumulation*, de Silvia Federici (2004). Com uma atenção especial tanto aos elementos textuais quanto aos paratextuais do texto fonte e sua tradução, o Sycorax oferece percepções



valiosas sobre os processos editoriais (contra-hegemônicos) nos quais as tradutoras embarcaram e os caminhos (alternativos) pelos quais o trabalho delas circulou nos eixos Norte-Sul e Sul-Sul. Por fim, elas demonstram que a tradução coletiva entre mulheres na América Latina pode ser pensada como um projeto político feminista transnacional estratégico.

Ao analisar as traduções para o inglês de dois romances marcadamente políticos, *Pasos bajo el agua*, obra argentina escrita em espanhol por Alicia Kozameh, e *La danse sur le volcan*, livro haitiano escrito em francês por Marie Chauvet, os artigos de **Gabriela Yañez** e **Siobhan Meï** revelam as promessas e falhas geo/políticas da tradução literária nas intrincadas viagens de textos escritos por mulheres. Examinando as formas pelas quais os discursos feministas resistentes de Kozameh e Chauvet são traduzidos para o inglês, ambas acadêmicas discutem estratégias de reescrita que ou possibilitam intercâmbios de lições geo/politicamente subversivas através das fronteiras, ou barram a possibilidade de tais diálogos feministas transnacionais. Para fazê-lo, os artigos empregam ferramentas metodológicas convencionais dos estudos descritivos da tradução, ao mesmo tempo em que propõem perspectivas analíticas interdisciplinares para tratar das particularidades geopolíticas das traduções em questão. Yañez, centrando sua análise no conceito de metonímia, explora o potencial evocativo da metonímia na tradução para reposicionar subjetividades resistentes de mulheres através de fronteiras, particularmente aquelas em condições de encarceramento. Meï, por outro lado, de forma bem única coloca os estudos sobre moda em diálogo com os estudos da tradução e os estudos feministas transnacionais, defendendo um comprometimento continuado com as histórias materiais e vidas imaginadas de objetos da moda à medida que viajam através de modos de transmissão cul-

tural como a tradução literária. Ao tratar de circulações específicas globais de vários objetos gendrados, incorporações, afetos, economias significativas e subjetividades resistentes, ambos artigos expandem nossas perspectivas analíticas sobre práticas feministas pós-coloniais de tradução e possibilidades feministas transnacionais à medida que tudo isso se materializa nos fluxos de vozes de mulheres.

Por fim, mas não menos importante, a contribuição de **Pâmela Berton Costa** examina fluxos textuais dentro da América Latina, à medida que viajam do Chile e são recebidos no Brasil. Focalizando na tradução para o português brasileiro de *La casa de los espíritus*, de Isabel Allende, Berton Costa demonstra como o reconhecimento limitado de aspectos feministas da obra literária de Allende pode acabar empobrecendo esse aspecto da tradução. Berton Costa propõe e justifica intervenções feministas deliberadas na possível retradução de forma a realçar e trazer à tona esses aspectos. Seu trabalho estabelece a necessidade de projetos feministas de tradução interconectados na América Latina.

\*\*\*

Esta edição especial confirma que uma concepção plural, interseccional e transnacional do feminismo requer, sem dúvida, uma articulação crítica da tradução. Afinal de contas, o potencial transformador das teorias e perspectivas feministas só é possível através de diálogos transnacionais (Davis & Evans, 2011 [2016]). Em processos dialógicos de encontros através das fronteiras e de reconfiguração tradutória, a força política e a capacidade epistemológica dos discursos expandem, respondendo construtivamente às diferenças e experiências situadas. Há trabalho significativo a ser feito no crescente campo dos estudos feministas transnacionais da tradução. Que

sejam realizados muito mais trabalhos em espanhol, português, inglês e em tantas outras línguas do mundo.

## Referências

- Alexander, Jacqui & Mohanty, Chandra Talpade. (1997). *Feminist genealogies, colonial legacies, democratic futures*. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Alvarez, Sonia E.; Costa, Claudia de Lima; Feliu, Verónica; Hester, Rebecca; Klahn, Norma & Thayer, Millie (Eds.). (2014). *Translocalities/translocalidades: Feminist politics of translation in the Latin/a Americas*. Durham: Duke University Press. <https://doi.org/10.1215/9780822376828>
- Anzaldúa, Gloria & Moraga, Cherrie (Eds.). (1981). *This bridge called my back: Writings by radical women of color*. San Francisco: Persephone Press.
- Barrancos, Dora. (2006). *Las mujeres y sus luchas en la historia argentina*. Buenos Aires: Ministerio de Defensa.
- Bambirra, Natércia Ventura & Lisboa, Teresa Kleba. (2019). “Enegrecendo o feminismo”: a opção descolonial e a interseccionalidade traçando outros horizontes teóricos. *Revista Ártemis*, 27(1), 270-284. <https://doi.org/10.22478/ufpb.1807-8214.2019v27n1.40162>
- Bermúdez, Silvia & Johnson, Roberta (Eds.). (2018). *A new history of Iberian feminisms*. Toronto: Toronto University Press. <https://doi.org/10.3138/9781487510282>
- Bermúdez, Silvia; Cortijo, Antonio & McGovern, Tymoithy. (2002). *From stateless nations to postcolonial Spain*. Boulder, CO: Boulder Society of Spanish-American Studies.
- Bozzano, Caroline Betemps. (2019). Feminismos transnacionais descoloniais: Algumas questões em torno à colonialidade nos feminismos. *Revista Estudos Feministas*, 27(1). <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n158972>
- Castro, Olga & Ergun, Emek (Eds.). (2017). *Feminist translation studies: Local and transnational perspectives*. London: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315679624>
- Collins, Patricia Hill. (2017). Preface. On translation and intellectual activism. Em Olga Castro and Emek Ergun, (Eds), *Feminist translation studies: Local and transnational perspectives* (pp. xi-xvi). London: Routledge.
- Costa, Claudia de Lima. (2006). Lost (and found?) in translation. Feminisms in hemispheric dialogue. *Latino Studies*, 4, 62-78. <https://doi.org/10.1057/palgrave.1st.8600185>
- Costa, Claudia de Lima. (2014). Feminist theories, transnational translations, and cultural mediations. Em Sonia Alvarez et al. (Eds.), *Translocalities/translocalidades: Feminist politics of translation in the Latin/a Americas* (pp. 133-148). Durham: Duke University Press. <https://doi.org/10.1215/9780822376828-008>
- Costa, Claudia de Lima. (2016). Gender and equivocation: Notes on decolonial feminist translations. Em Wendy Harcourt (Ed.), *The Palgrave handbook of gender and development critical engagements in feminist theory and practice* (pp. 48-61). Hampshire: Palgrave Macmillan. [https://doi.org/10.1007/978-1-137-38273-3\\_4](https://doi.org/10.1007/978-1-137-38273-3_4)
- Crenshaw, Kimberlé. (1989). Demarginalizing the intersection of race and sex: A Black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *University of Chicago Legal Forum*, 1, 139-167.
- Curiel, Ochy; Falquet, Jules & Masson, Sabine (Eds.). 2005. Editorial, edição especial “Feminismos disidentes en América Latina y el Caribe”. *Nouvelles Questions Féministes*, 24(2), 4-11. <https://doi.org/10.3917/nqf.242.0004>

- Curiel, Ochy. (2007). Critique postcoloniale et pratiques politiques du féminisme antiraciste. *Mouvements*, 51(3), 119-129. <https://doi.org/10.3917/mouv.051.0119>
- Davis, Kathy. (2007). *The making of Our Bodies, Ourselves: How feminism travels across borders*. Durham: Duke University Press. <https://doi.org/10.1215/9780822390251>
- Davis, Kathy & Evans, Mary. (2011 [2016]). Introduction. Em Kathy Davis & Mary Evans (Eds.), *Transatlantic conversations: Feminism as a travelling theory* (pp. 1-11). Nova Iorque: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315550305-1>
- Dongchao, Min. (2017). *Translation and travelling theory. Feminist theory and praxis in China*. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Ergun, Emek. (2018). Decolonial feminist translation as an enabler of subversive mobilities, loving perceptions and cross-border connectivities [Apresentação]. *Towards a decolonial feminism: A conference inspired by the work of María Lugones*. Pennsylvania, US. 11-13 de maio, 2018.
- Femenías, María Luisa. (2019). *Itinerarios de teoría feminista y de género: algunas cuestiones histórico-conceptuales*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes.
- Fernandes, Estevão R. (2019). Um debate sobre feminismos decoloniais e suas repercussões para pesquisas em povos indígenas no Brasil. *Revista Ártemis*, 28(1), 38-51. <https://doi.org/10.22478/ufpb.1807-8214.2019v28n1.45286>
- Flotow, Luise von & Farahzad, Farzaneh (Eds.). (2017). *Translating women: Different voices and new horizons*. Londres: Routledge.
- Flotow, Luise von. (2017). On the challenges of transnational feminist translation studies. *TTR: Traduction, Terminologie, Rédaction*, 30(1-2), 173-194. <https://doi.org/10.7202/1060023ar>
- Goes, Emanuelle. (2019). Interseccionalidade no Brasil, revisitando as que vieram antes. *Blogueiras Negras*, October 8 2019 [publicação no blog] <http://blogueirasnegras.org/interseccionalidade-no-brasil-revisitando-as-que-vieram-antes/>
- Grewal, Inderpal & Caren, Kaplan (Eds.). (1994). *Scattered hegemonies: Postmodernity and transnational feminist practices*. Minneapolis e Londres: University of Minnesota Press.
- Grewal, Inderpal & Kaplan, Caren. (2001). Global identities: Theorizing transnational studies of sexuality. *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies*, 7(4), 663-679. <https://doi.org/10.1215/10642684-7-4-663>
- Khader, Serene J. (2019). *Decolonizing universalism. A transnational feminist ethic*. Oxford: Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oso/9780190664190.001.0001>
- Lopes Louro, Guacira. (2004). *Um corpo estranho*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Lugones, María. (2010). Toward a decolonial feminism. *Hypatia*, 25(4), 742-759. <https://doi.org/10.1111/j.1527-2001.2010.01137.x>
- Melo, Paula Balduino de, et al. (2019). *Descolonizar o feminismo*. Brasília: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia.
- Mendoza, Breny. (2002). Transnational feminisms in question. *Feminist Theory*, 3(3), 295-314. <https://doi.org/10.1177/146470002762492015>
- Miguélez-Carballeira, Helena. (2017). Conferência Internacional “Post-Colonial Spain? Contexts, politics, cultural practices.” University of Bangor, País de Gales, Grã-Bretanha. 1-2 dezembro, 2017. <http://postcolonialspain.bangor.ac.uk/index.php.en> [acesso: 23.12.2019]
- Mohanty, Chandra Talpade. (1988). *Under Western eyes: Feminist scholarship and*



- colonial discourses. *Feminist Review*, 30, 61-88. <https://doi.org/10.1057/fr.1988.42>
- Nagar, Richa; Davis, Kathy; Butler, Judith; Keating, Analouise; Costa, Claudia de Lima; Alvarez, Sonia E. & Altinay, Ayşe Gül. (2017). Feminist translation in transition. A cross-disciplinary roundtable on the feminist politics of translation. Em Olga Castro & Emek Ergun (Eds.), *Feminist translation studies. Local and transnational perspectives* (pp. 109-135). Londres e Nova Iorque: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315679624-9>
- Pahde, Manuela. (2018). Críticas al feminismo hegemónico desde otros feminismos. Em *Pie de Página*, 4 de dezembro, 2018. [publicação no blog] <http://www.colombiainforma.info/enpiedepagina/2018/12/04/criticas-al-feminismo-hegemonico-desde-otros-feminismos/>
- Pinheiro, Patrícia dos Santos; Silva, Mayssa Luana & Paz Rodríguez, Marcela. (2019). Feminismos não hegemônicos contemporâneos: lutas cotidianas em defesa de territórios. *Revista Ártemis*, 27(1), 306-321. <https://doi.org/10.22478/ufpb.1807-8214.2019v27n1.41356>
- Ramos-Rosado, María Esther. (2003). *La mujer negra en la literatura puertorriqueña*. San Juan de Puerto Rico: Universidad de Puerto Rico.
- Reimóndez, María. (2014). Interseccionalidad a medias. *Pikara. Online magazine*, 12 de dezembro, 2014. <http://www.pikara-magazine.com/2014/12/interseccionalidad-a-medias/>
- Sánchez, Lola. (2018). Difracciones de género y traducción: hacia otra cartografía de saberes situados. *Iberic@l, Revue d'études ibériques et ibéro-américaines*, 13, 37-50.
- Schmidt, Simone Pereira & Macedo, Ana Gabriela. (2019). Feminismos transnacionais: saberes e estéticas pós/descoloniais. *Revista Estudos Feministas*, 27(1). <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n158959>
- Thayer, Millie. (2010). *Making transnational feminism: Rural women, NGO activists, and northern donors in Brazil*. Nova Iorque: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203869888>
- Viveros Vigoya, Mara. (2006). La interseccionalidad: una aproximación situada a la dominación. *Debate Feminista*, 52, 1-17. <https://doi.org/10.1016/j.df.2016.09.005>

**Como citar este artigo:** Castro, Olga; Ergun, Emek; Flotow, Luise von & Spoturno, María Laura. (2020). Rumo aos estudos feministas transnacionais da tradução [versão em português de Beatriz Regina Guimarães Barboza]. *Mutatis Mutandis. Revista Latinoamericana de Traducción*, 13(1), 2-10. DOI: 10.17533/udea.mut.v13n1a01